

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: QUILOMBO, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

Diogo Pereira Matos¹

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais,
Campus São João del-Rei, Coordenação de Apoio ao Discente, São João del-Rei,
MG, Brasil.*

Amanda Carolina Costa Silveira²

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais,
Campus São João del-Rei, Coordenação de Ensino, São João del-Rei, MG, Brasil.*

RESUMO

A proposta deste texto é apresentar os resultados de um projeto de Extensão intitulado: “Era uma vez no Quilombo: contação de histórias, jogos e brincadeiras afrocentradas”. O objetivo da ação foi realizar atividades de contação de histórias, de jogos e práticas de brincadeiras afrocentradas com cerca de 35 crianças (entre 04 e 10 anos) da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola municipal, localizada dentro de uma comunidade quilombola. O trabalho foi desenvolvido na perspectiva do Letramento Racial, contribuindo para a construção de identidades negras e quilombolas positivas, a partir de temas como relações étnico-raciais, de gênero, diversidade, inclusão, respeito às diferenças, dentre outros. Além de ir ao encontro de objetivos legais e de diretrizes educacionais vigentes, criando espaços de reconhecimento e valorização da história e cultura africana, afro-brasileira e especialmente quilombola.

Palavras-chave: contação de histórias; educação; quilombo; crianças; infância.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É associado da Associação Brasileira de Pesquisadores/as negros/as - ABPN e membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Quilombola CONEEQ/MEC/SECADI. Áreas de interesse e atuação: quilombos, quilombolas, relações étnico-raciais, letramento racial na infância e com crianças e educação antirracista. Pedagogo efetivo do IF Sudeste MG - São João del-Rei. | diogo.matos@ifsudestemg.edu.br | <https://orcid.org/0000-0003-0712-7218> | <http://lattes.cnpq.br/2607564482153087>

² Licenciatura em Educação Física pela UFMG (2007) e Mestrado Interdisciplinar em Lazer pela UFMG (2010). Servidora do IFMG entre 2011 e 2019 e do IF Sudeste MG de 2019 até a presente data, no cargo de Técnica em Assuntos Educacionais. Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IF Sudeste MG - Campus São João del-Rei desde 2019. | amanda.silveira@ifsudestemg.edu.br | <https://orcid.org/0009-0009-3329-9516> | <http://lattes.cnpq.br/2272137315622678>

STORYTELLING AND ETHNIC-RACIAL DIVERSITY: QUILOMBO, CHILDHOOD AND AFROCENTRATED EDUCATION

ABSTRACT

The purpose of this text is to present the results of an Extension project entitled: "Once upon a time in Quilombo: storytelling, play and Afro-centered games". The objective of the action was to carry out storytelling, games and Afro-centered play activities with around 35 children (between 4 and 10 years old) from Early Childhood Education and the early years of Elementary School in a municipal school, located within a community quilombola. The work was developed from the perspective of Racial Literacy, contributing to the construction of positive black and quilombola identities, based on themes such as ethnic-racial relations, gender, diversity, inclusion, respect for differences, among others. In addition to meeting legal objectives and current educational guidelines, creating spaces for recognition and appreciation of African, Afro-Brazilian and especially quilombola history and culture.

Keywords: storytelling; education; quilombo; children; infancy.

CUENTOS Y DIVERSIDAD ÉTNICO-RACIAL: QUILOMBO, INFANCIA Y EDUCACIÓN AFROCENTRADA

RESUMEN

El propósito de este texto es presentar los resultados de un proyecto de Extensión titulado: "Érase una vez en el Quilombo: narraciones, juegos y juegos afrocéntricos". El objetivo de la acción fue realizar cuentacuentos, juegos y actividades lúdicas afrocéntricas con alrededor de 35 niños (entre 4 y 10 años) de Educación Infantil y primeros años de Educación Primaria en una escuela municipal, ubicada dentro de una comunidad quilombola. El trabajo se desarrolló desde la perspectiva de la Alfabetización Racial, contribuir a la construcción de identidades negras y quilombolas positivas, a partir de temas como relaciones étnico-raciales, género, diversidad, inclusión, respeto a las diferencias, entre otros. Además de cumplir objetivos legales y lineamientos educativos vigentes, crear espacios de reconocimiento y valoración de la historia y la cultura africana, afrobrasileña y especialmente quilombola.

Palabras clave: narración de cuentos; educación; quilombo; niños; infancia.

CONTE ET DIVERSITÉ ETHNIQUE-RACIALE : QUILOMBO, ENFANCE ET ÉDUCATION AFROCENTRÉE

RÉSUMÉ

L'objectif de ce texte est de présenter les résultats d'un projet d'Extension intitulé : « Il était une fois à Quilombo : contes, jeux et jeux afro-centrés ».

L'objectif de l'action était de réaliser des activités de contes, de jeux et de jeux afro-centrés avec environ 35 enfants (entre 4 et 10 ans) de l'éducation de la petite enfance et des premières années de l'école primaire dans une école municipale, située au sein d'une communauté quilombola. Le travail a été développé dans la perspective de l'alphabétisation raciale, contribuer à la construction d'identités noires et quilombolas positives, basées sur des thèmes tels que les relations ethno-raciales, le genre, la diversité, l'inclusion, le respect des différences, entre autres. En plus de répondre aux objectifs légaux et aux directives pédagogiques en vigueur, créer des espaces de reconnaissance et d'appréciation de l'histoire et de la culture africaine, afro-brésilienne et surtout quilombola.

Mots-clés: narration; éducation; quilombo; enfants; enfance.

INTRODUÇÃO

O trabalho com as diversas temáticas, valores e práticas que permeiam o debate a respeito da educação para as relações étnico-raciais na escola ainda é atravessado por diversos desafios institucionais, sociais e, sobretudo, raciais. Mesmo complexo e, muitas vezes, enraizado em uma estrutura marcadamente excludente, é fundamental que o tensionamento e a disputa de espaços e currículos estejam presentes dentro da escola. Especialmente por meio de práticas pedagógicas antirracistas e de currículos que contemplem toda a diversidade presente na escola e na sociedade.

Em uma sociedade na qual o racismo e outras formas de preconceito estão presentes, habitualmente de forma imperceptível, e podem ser (e são) baseadas na cor da pele, local e origem social, faz com que manifestações e práticas racistas, ora de veladas ora escancaradas, sejam vivenciadas por diversos atores e corpos todos os dias.

A partir de tal constatação, compreendemos que o espaço da escola se torna fundamental para o combate a tais práticas e processos raciais que foram construídos historicamente e são reproduzidos na nossa estrutura social. Uma vez que, como colocado por Duarte e Nunes (2021), essa construção racial da sociedade brasileira, que não leva em conta as diferenças existentes no seu interior, impacta também no sistema educacional.

Nessa perspectiva, entendemos que a presença de discussões sobre a

diversidade racial, cultural e étnica são imprescindíveis no interior do espaço escolar. E, especialmente, quando iniciada na educação infantil e nos primeiros anos de escolarização, perpassando todo o percurso formativo durante a infância. Com efeito, de acordo com Dias (2015, p. 573), a “infância pode ser o espaço mais profícuo para disseminar relações justas e igualitárias, exatamente porque elas, as crianças, não simplesmente reproduzem a sociedade em que vivem”.

Segundo Silva (2005), identificar e ensinar que a diferença pode ser positiva e que a diversidade é enriquecedora deve ser um dos caminhos para a reconstrução da autoestima, uma vez que pode contribuir para a abertura e acolhimento para a diversidade cultural presente na escola e na sociedade. Além disso, “abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/etnias” (Silva, 2005, p. 33).

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar parte do desenvolvimento das ações e atividades realizadas em um projeto de extensão, cujo propósito foi desenvolver ações de Letramento Racial junto a crianças da Educação Infantil (04 e 05 anos) e dos primeiros anos do Ensino Fundamental (06 a 10 anos) de uma escola municipal localizada dentro da Comunidade Quilombola Currálinho dos Paulas (Resende Costa/MG).

Tal Projeto se desenvolveu a partir de uma parceria entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) - *campus* São João del-Rei, a Comunidade Currálinho dos Paulas e a Secretaria Municipal de Educação. A definição do público e ações foram ao encontro do que nos traz o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, quando se trata da educação infantil:

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas

a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (Brasil, 2009, p. 47-48).

O trabalho com o Letramento Racial surge como uma ação de reflexão que busca contribuir para o reconhecimento do seu pertencimento racial (negro ou não) bem como das contradições existentes no interior da sociedade brasileira no que concerne ao racismo. Segundo Skerrett (2011, p. 314) citado por Ferreira (2014, p. 250), o “Letramento Racial tem uma compreensão poderosa e complexa da forma como a raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos”.

Por isso a importância de um Letramento Racial que permita que os envolvidos, direta ou indiretamente, avancem em relação aos saberes e conhecimentos sobre a realidade social que os rodeia, compreendendo a diversidade étnico-racial e cultural. E, dessa forma, possam ocupar os diversos espaços sociais sempre com dimensões éticas e respeito às diferenças.

Assim surge o projeto de extensão “Era uma vez no quilombo: contação de histórias, jogos e brincadeiras afrocentradas”, que proporcionou o desenvolvimento de práticas escolares e de letramentos (para além do racial) que foram ao encontro de inúmeras configurações sociais, raciais e educacionais que acometem a realidade do povo negro no Brasil contemporâneo, sobretudo a população quilombola, negra e rural, que ao longo da nossa história foi alijada de diversos processos democráticos e inclusivos.

A proposta pautou-se em práticas pedagógicas que pudessem contribuir para a compreensão de meninos e meninas sobre os diversos aspectos relacionados às questões étnico-raciais, de gênero, diversidade de costumes, inclusão, respeito às diferenças e valorização da cultura africana e afro-brasileira. E, dessa forma, possibilitar serem capazes de identificar e combater práticas racistas, assim como outras formas de preconceitos presentes nos espaços que ocupam, para além da escola.

Partimos de uma abordagem que considerava os aspectos locais e do território quilombola, além de compreender qual o espaço que é ocupado pelas crianças neste contexto. Levando em conta tanto as crianças brancas quanto as negras, quilombolas ou não quilombolas, a finalidade era fortalecer e

construir identidades negras e quilombolas positivas, desde a infância. Além disso, o trabalho buscou desconstruir, desde a infância e primeiros anos de escolarização, a partir de dentro da própria escola, situada em uma comunidade quilombola, a ideia da condição de *ser quilombola*, como nos é apresentada por Nunes (2016), como algo que possa:

Corresponder a um conjunto de estereótipos que emolduram homens, mulheres e crianças dentro de uma espécie de exotismo que em nada se assemelha à ideia da diferença; criam-se imaginários que apenas autorizam as pessoas a serem sujeitos de direito se as mesmas se remeterem a um passado que se foi perpetuado, se perpetuou, principalmente no tanto de condições de dignidade ainda falta para os descendentes das populações escravizadas (Nunes, 2016, p. 114).

Em um cenário onde proliferam medidas corretivas, que tentam amenizar as injustiças históricas concretizadas por uma política escravagista e colonizadora, destaca-se hoje uma série de intervenções de ordem política, educativa, cultural e normativa em prol da efetivação de igualdades raciais e educacionais.

Podemos dizer que hoje já dispomos de algumas políticas educacionais voltadas a uma perspectiva antirracista, tomando como ponto de partida a Constituição Federal de 1988, passando pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (alterada pela Lei 11.645/2008) e chegando às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), bem como das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012).

A partir destas regulamentações e legislações delinea-se, principalmente por meio do viés educacional, um paulatino processo de conscientização em torno de tópicos como racismo, inclusão, empoderamento negro, educação escolar quilombola, educação para as relações étnico-raciais e antirracista. Tal processo está interligado e se materializa na vida social de cada sujeito, de forma individual, bem como na vida coletiva e em sociedade. Gomes (2005), ao discutir sobre a construção da identidade negra, diz que é no âmbito da cultura e da história que conseguimos definir as identidades sociais, sejam elas de

gênero, sexuais, raciais, dentre outras.

Neste contexto emergente de políticas públicas e intervenções históricas, sobretudo no campo da educação, a proposta deste texto é compartilhar as experiências, vivências e saberes apreendidos durante a execução do referido projeto. Além disso, busca contribuir para o campo de conhecimento que se insere, na perspectiva de auxiliar na compreensão a respeito do trabalho com temáticas raciais voltadas para crianças, especialmente quilombolas.

Nesta perspectiva, quando da proposta e desenvolvimento das ações, buscou-se favorecer experiências e trocas entre as crianças, de forma que pudessem atribuir—significados e sentidos, bem como construir uma compreensão própria acerca dos temas abordados, como raça, cultura, diversidade, respeito, quilombo, igualdade, diferença, dentre outros.

Atuar com tais temáticas junto às crianças requer levar em conta o que Nunes (2015) nos fala sobre a construção social da infância. Esta autora nos ajuda a entender sobre a multiplicidade de culturas infantis gestadas frente às condições históricas que as crianças brasileiras viveram e vivem e nos leva a refletir também sobre a pluralidade das infâncias negras, ainda muito sujeitas a “discursos ultrapassados sob o ponto de vista da sua validade científica, mas persistentes nos imaginários sociais” (Nunes, 2015, p. 606).

A partir do que a autora chama de “vastos e complexos universos infantis” (Nunes, 2015, p. 599), consideramos que as ações do projeto conseguiram atingir seus objetivos e proporcionar uma experiência única não somente para as crianças envolvidas, mas também para as professoras, as bolsistas e os familiares que tiveram a oportunidade de conhecer as ações e participar de alguns momentos. Trata-se de um trabalho que levou em consideração e garantiu o respeito “às formas específicas de viver a infância, a identidade étnico-racial e as vivências socioculturais” (Brasil, 2012, p. 08).

Um dos pressupostos do Projeto foi o despertar de uma conscientização e reflexão acerca da cultura, história, ancestralidade, dentre outros aspectos socioculturais afro-brasileiros e africanos, e como tais aspectos estão relacionados aos negros no Brasil, aqui especialmente aos quilombolas. Para isso, utilizou-se como ferramentas jogos e brincadeiras afrocentrados, literatura

infantil com representações de personagens negros e negras, a produção de textos de autores(as) negros e negras, contos, mitos e lendas africanas, dentre outros.

Por fim, reconhecemos a limitação deste trabalho e os desafios institucionais para o desenvolvimento de ações desta natureza, além de não dispormos de um modelo, formato ou receita de sucesso. Contudo, a proposta a seguir é compartilhar possibilidades de desenvolver uma educação antirracista, uma educação para as relações étnico-raciais e uma educação que valorize e respeite as diferenças existentes ao nosso redor desde a infância. Dessa forma, busca-se potencializar a construção de uma sociedade mais justa e democrática, capaz de superar o mito da democracia racial.

DIÁLOGOS E FORMAÇÃO: POSSIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS

No âmbito do projeto "Era uma vez no quilombo: contação de histórias, jogos e brincadeiras afrocentradas", as atividades foram desenvolvidas entre os anos de 2022, 2023 e 2024, sendo cerca de 45 (quarenta e cinco) crianças que participaram ao longo deste período. Estas estavam distribuídas em três turmas, levando em consideração a faixa etária e o nível de desenvolvimento de cada uma delas, uma vez que a escola é nucleada, ou seja, recebe crianças de outras comunidades rurais vizinhas.

Os encontros eram realizados às quintas-feiras, no período regular de aula (vespertino). As duas bolsistas de extensão envolvidas no projeto percorriam, nos dias de atividades, cerca de 40 km de distância até a área urbana e, ao chegarem à cidade, ainda precisavam viajar em torno de 20 km em estrada de terra para chegar à escola.

Atendendo à proposta do projeto, o desenvolvimento das ações na escola se deu por meio da contação de histórias como a principal metodologia para abordar os temas propostos junto às crianças, sobretudo pela idade, organização do espaço físico da escola e acesso ao material utilizado. Após a contação das histórias, era promovida uma série de atividades que visavam aprofundar o entendimento do conteúdo abordado em sala e encorajar as

crianças a construírem suas próprias interpretações e impressões sobre a temática.

De acordo com Dias (2015),

São variadas as possibilidades de ser e estar no mundo e, desde a mais tenra idade, seria possível proporcionar às crianças experiências que as levassem a pensar sobre isso e também compreender experiências relativas à diversidade étnico-racial desde a educação infantil: ser negro(a), branco(a), asiático(a) ou indígena; viver no campo ou na cidade, ser quilombola ou ribeirinha (Dias, 2015, p. 571).

Levando isso em consideração, diversas propostas de trabalhos foram aplicadas, tais como: desenhos, colagens, brincadeiras de roda, jogos africanos e afro-brasileiros, teatro de fantoches, além de outras atividades lúdicas. Todo o planejamento era realizado previamente pelas bolsistas sob a orientação dos coordenadores do Projeto, da pedagoga da escola, bem como das três professoras, sempre visando criar um ambiente educativo compreensível e acessível às crianças, promovendo uma participação ativa e significativa dentro do contexto proposto pelo projeto.

Para viabilizar a realização dessas atividades na escola, os dois primeiros meses do projeto foram dedicados à formação das bolsistas. Esse período de preparação se mostrou essencial, uma vez que, conforme nos alerta Araújo (2018a), ainda há uma resistência e aversão, no contexto de sala de aula, quanto à recepção da leitura de obras com temáticas africanas e afro-brasileiras por parte dos estudantes.

A autora, a partir da sua pesquisa, ressalta a necessidade de que o trabalho com essa literatura seja precedido de formação adequada de mediadoras/es de leitura, tendo em vista que “o acúmulo de conhecimentos e estratégias para o enfrentamento do racismo no discurso pedagógico (que é produzido também por estudantes) possibilitará um campo mais propício de recepção da literatura para além do cânone” (Araújo, 2018a, p. 73-74).

Desse modo, a formação das bolsistas se deu por meio de diversas reuniões com a coordenação do projeto e também em encontros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do *campus* São João del-Rei. Nas reuniões de formação foram trabalhados textos específicos que tratavam sobre o que é a contação de histórias, como deve ser feita, qual a sua importância e

suas diversas possibilidades de intervenção e interação com o imaginário infantil, a potencialidade para o desenvolvimento da leitura, dentre outros. Nesta etapa também foram utilizados diversos materiais de referência e vídeos do *YouTube*, com o objetivo de as bolsistas terem referências para a atuação.

Nos encontros junto com os membros do NEABI foram realizadas a leitura de textos acadêmicos e científicos (especialmente artigos) que abordavam as diversas temáticas que se interseccionam com as relações étnico-raciais no Brasil. Especialmente no contexto educacional, os temas trabalhados foram: formação de professores, educação infantil, educação escolar quilombola, educação para as relações étnico-raciais, a representação do negro nos livros e contos, ancestralidade e quilombos e quilombolas. Dada a sua importância, estes dois momentos - de orientação e de formação - se estenderam ao longo de todo o projeto, com encontros semanais com as bolsistas, que eram graduandas do curso de Licenciado em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola.

Com efeito, Gomes (2012), ao refletir sobre o papel das instituições formadoras de professores, nos diz que é fundamental formar professores reflexivos e capazes de romper com currículos empobrecidos e de caráter conteudista, necessitando de um constante diálogo entre a escola e realidade social (Gomes, 2012).

Os momentos formativos (acadêmicos) e as capacitações (prática na escola) foram pensados e planejados com o objetivo de despertar um comprometimento político-pedagógico durante a formação das futuras professoras para a diversidade étnico-racial em sala de aula. Espera-se que elas possam levar para a prática profissional os conhecimentos adquiridos no projeto, contribuindo para a implementação de práticas pedagógicas relacionadas à educação das relações étnico-raciais e antirracista, bem como para o atendimento aos pressupostos da Lei 10.639/03 e Lei 11.645/2008

Como bem aponta Duarte e Nunes (2021), para que ocorra o cumprimento das determinações legais é necessário o compromisso profissional e ético dos professores e professoras, que “ao contribuir com um olhar mais atento e sensível, poderão refletir sobre a imagem das crianças e compreender suas

singularidades e potencialidades” (Duarte; Nunes, 2021, p. 205).

Considerando a necessidade do tempo de formação das bolsistas para atuarem no projeto, especialmente porque o trabalho com as temáticas raciais envolve diversas questões que podem ser consideradas “sensíveis” e, ainda, o calendário escolar da própria escola envolvida, as atividades no “chão” da escola iniciaram após tal formação. E é sobre as intervenções na escola que iremos nos debruçar agora.

HORA DA HISTÓRIA! ERA UMA VEZ, O DESPERTAR PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Trabalhar a educação para as relações étnico-raciais tomando por base a literatura infanto juvenil exige uma escolha minuciosa e cuidadosa de obras que tragam uma representação positiva de negros e negras e que abordem de maneira construtiva os valores históricos, culturais e estéticos africanos e afro-brasileiros.

Isso porque, de acordo com Araújo (2018a, p. 64), a literatura endereçada ao público infantil e juvenil “estaria marcadamente, desde seus primórdios, comprometida com a perpetuação de relações de dominação racial, tendo a população negra como coadjuvante da história desse gênero literário”. Ela ainda alerta que o aumento de personagens negras nas tramas não se relaciona, necessariamente, com uma melhor qualidade no tratamento direcionado a elas, “pelo contrário, estigmas e estereótipos foram criados ou reforçados” (Araújo, 2018a, p. 64).

Outra questão que observamos na escolha dos livros é a época de sua publicação, uma vez que pesquisas indicam que, “quanto mais antiga é a obra, maiores são as chances de que ela contenha estereótipos negativos e racismo implícito ou explícito” (Araújo, 2018a, p.73).

Nesse sentido, o planejamento para cada ação era baseado na escolha das obras literárias, sempre considerando a temática que era possível trabalhar com as crianças a partir delas, tais como cultura e tradições africanas e afro-brasileiras, identidade negra, estética e empoderamento especialmente das mulheres (meninas) negras, ancestralidade e conscientização sobre o

preconceito racial. A dinâmica utilizada nas intervenções—consistia, normalmente, em iniciar com a contação da história escolhida e depois realizar a outra atividade acerca do tema ou conteúdo abordado.

Como as crianças tinham idades entre 04 e 10 anos, dependendo da temática que seria trabalhada, as crianças eram divididas em dois grupos e a escolha da obra levava em conta o nível de desenvolvimento de cada uma delas. Nessas ocasiões, ao trabalhar com dois grupos separadamente, foi possível otimizar o tempo e manter a atenção delas. A interação com as crianças e a adaptação à dinâmica da escola foram desafios superados, proporcionando uma experiência enriquecedora.

Para tratar da temática da cultura e das tradições africanas e afro-brasileiras, várias obras foram trabalhadas ao longo do projeto, como "Koumba e o Tambor Diambê" (Madu Costa), "Kiriku e a Hiena Negra" (Michel Ocelot), "Kiriku e o Colar da Discórdia" (Michel Ocelot). A partir da contação de histórias infantis, o projeto seguiu com a exposição e apresentação de instrumentos musicais de origem africana.

Foi trabalhado ainda o livro "Kiriku e a Feiticeira" (Michel Ocelot), que explora a temática de heróis negros, com foco na ancestralidade em África. A atividade envolveu a contação da história, a partir da importância dos contos africanos no sentido de garantir a manutenção de um povo e de suas tradições, especialmente a figura dos heróis, líderes, o respeito aos mais velhos (anciãos e griôs), dentre outros, por meio da história de Kiriku que salva a sua aldeia. Sobretudo porque nas culturas africanas a oralidade é uma forma de comunicação e manutenção de saberes, conhecimentos e da cultura. Além disso, neste encontro foi realizada uma roda de dança e música com as crianças, um momento de distração e ludicidade, no qual pudemos nos aproximar ainda mais delas.

Nosso objetivo em abordar tais aspectos foi apresentar às crianças outras possibilidades de se compreender o mundo a partir de uma perspectiva e visão africana, fugindo assim dos aspectos eurocêntricos das histórias usualmente utilizadas e que estão presentes nas bibliotecas e cantinhos de leitura. Além disso, buscamos contribuir com a escola na abordagem de tais

temas, uma vez que, como colocado por Araújo (2018b), tal situação pode ser um desafio para a instituição.

Assim, ao apresentar outras perspectivas pedagógicas, trazemos a possibilidade de subverter (mesmo que *in loco*) os aspectos eurocêntricos e coloniais dos currículos escolares e dos materiais didáticos utilizados. O que pode ser lido como uma contribuição para avançarmos no reconhecimento de que a produção intelectual, política, cultural e social africana e afro-brasileira se faz necessária à formação escolar da população brasileira, sobretudo no contexto de desenvolvimento deste projeto (Araújo, 2018b).

Já com o livro "O Som do Coração" (Maria José Damasceno) buscamos mostrar às crianças, a partir da contação da história e do trabalho com músicas afro-brasileiras, que as tradições culturais africanas podem ser preservadas mesmo longe de sua terra natal. O objetivo foi mostrar para as crianças que mesmo com o processo de retirada dos negros do continente africano para o Brasil, eles trouxeram consigo seus aspectos sociais e as manifestações culturais, seja pelas comidas, pelas músicas, pelas mitologias, religiões, histórias dentre outros.

Para além da contação de histórias, é importante destacar que, durante a execução das atividades, utilizamos em diversos momentos a música como uma forma lúdica de apresentar as temáticas para as crianças. Nossa percepção, a partir da experiência na escola, foi de que a participação ativa das crianças era bem evidente nestes momentos. Assim, ressaltamos a importância da preservação cultural de origem africana e despertamos nos meninos e meninas os sentidos para perceber como tais manifestações estão presentes em seus cotidianos.

Segundo Cunha (2016),

Reconhecer, valorizar e positivar a ancestralidade africana, que caracteriza o povo brasileiro, permite aos alunos se perceberem herdeiros dessa cosmovisão e próximos culturalmente da criança dos países africanos. Nesse processo, os jogos e as brincadeiras surgem como uma profunda experiência intercultural e intracultural. Um encontro alegre com a cultura do "outro" e um mergulho em nossas próprias raízes culturais, híbridas e multicoloridas (Cunha, 2016, p. 24).

Ao longo do projeto, para tratar da valorização da identidade das crianças

negras, trabalhamos algumas obras que destacam em suas narrativas que, independentemente da cor da pele, cada indivíduo possui características únicas. Buscamos assim ensinar às crianças a importância do respeito às diferenças físicas, seja entre os colegas, professores, pais ou vizinhos, mostrando como a diversidade é rica e reforçando a perspectiva do trabalho em relação aos traços das pessoas negras.

Com o livro "Betina" (Nilma Lino Gomes) também focamos no empoderamento das mulheres afro-brasileiras e em promover o sentido de igualdade de gênero entre as crianças. A proposta envolveu a exploração da diversidade de cabelos, utilizando desenhos e roda de conversa para fomentar a identidade e o respeito.

Segundo Gomes (2003),

o cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (Gomes, 2003, p. 174).

A presença da cultura afro-brasileira foi evidenciada na abordagem sobre penteados e acessórios que são passados de geração em geração entre as mulheres e famílias negras. A perspectiva do empoderamento feminino partiu da reflexão da liberdade e autonomia que as mulheres, especialmente negras, vêm conquistando ao longo do tempo em nossa sociedade ocupando espaços de poder, mas sem perder a raiz e aspectos culturais de suas tradições.

Com o livro "Meninas Negras" (Madu Costa) a dinâmica iniciou-se com a leitura do livro, seguida por atividade de colorir personagens negros, destacando-se os aspectos das cores de pele, dos cabelos crespos, lábios, nariz, dentre outros traços fenotípicos característicos das pessoas negras. As crianças participaram ativamente, expressando sua criatividade.

Para Gomes (2005), ao trabalhar temáticas que contribuem para a formação humana e cidadã dos sujeitos, é preciso ter a sensibilidade para perceber como esses processos se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Especialmente em um espaço escolar que recebe crianças de outras comunidades, além das próprias crianças quilombolas. A interação

continuou com brincadeiras de cantigas de roda, proporcionando um ambiente lúdico e educativo.

As outras obras "Que Cor é Minha Cor?" (Martha Rodrigues) e "Minha mãe é negra sim!" (Patrícia Santana), foram apresentadas às crianças a fim de promover a aceitação das diferenças de tonalidade de pele e o respeito à cor de pele de cada um, para evitar situações de preconceito e discriminação no convívio social. O envolvimento das crianças aumentou significativamente, com a construção de uma conexão mais sólida.

No que diz respeito aos aspectos que envolvem as questões de gênero, a abordagem focou especialmente na reflexão sobre os cuidados maternos com os cabelos das meninas negras, como as tranças e os penteados afro. Ao escolher as obras descritas acima, o objetivo foi trabalhar a questão da afetividade, tanto entre as próprias crianças quanto entre professoras e crianças, além de perceber como elas lidam com os sentimentos construídos fora do espaço escolar.

Tendo em vista a importância de levar às crianças a representatividade negra na literatura infantil, utilizamos as obras "Rapunzel e o Quibungo" e "Afra e os três lobos guarás" (ambas adaptações de Christina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho). A utilização destes livros foi uma estratégia que consistiu em apresentar personagens negras como protagonistas de histórias/contos que envolvem a fantasia e a imaginação, algo muito característico dos livros infantis clássicos nos quais os personagens são brancos. A metodologia baseou-se na participação ativa das crianças, promovendo a expressão artística e o diálogo sobre a importância da imaginação.

Com o livro "Kiriku e a Girafa" (Michel Ocelot) foi abordada a habilidade de Kiriku em resolver problemas e conscientizar sobre o preconceito racial. Em "Kiriku e o Búfalo de Chifres de Ouro" (Michel Ocelot) enfatizamos a importância do trabalho conjunto na comunidade.

Por meio do livro "Quilombolando" (Heloisa Pires Lima), buscamos ensinar sobre a cultura, brincadeiras e danças típicas dos quilombos do Vale do Jequitinhonha, região próxima ao Norte de Minas Gerais, a qual possuiu a maior concentração de comunidades quilombolas da região sudeste (IBGE,

2022). A metodologia incluiu contação de histórias e brincadeiras na quadra da escola, onde as crianças puderam se divertir e tentar reproduzir as brincadeiras de rodas que foram propostas.

Ainda nessa temática, foi apresentado às crianças o livro "Omo-Oba/Histórias de Princesas" (Kiusan de Oliveira), explorando as culturas e a existência dos príncipes e das princesas africanas. Foi mostrado para as crianças o que, muitas vezes, não são considerados nos livros de história do Brasil: a existência de diversos reinados e de sociedades africanas milenares, as quais possuíam suas culturas, hábitos, saberes e conhecimentos próprios. Assim, mostramos às crianças a riqueza do continente africano, geralmente confundido com um país ou resumido a um povo único.

Foram (e são) múltiplas as possibilidades de se trabalhar com as crianças negras os aspectos positivos relacionados ao seu pertencimento étnico-racial. Mas são múltiplas também, e em muitos contextos essencial, que as crianças brancas se despertem para o reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira, bem como para uma consciência negra que as permita reconhecer, ao longo de seu processo formativo, os privilégios que lhes são concedidos pela diferença na cor da pele.

São pedagogias como estas que poderão contribuir para que as crianças negras possam:

Oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras (Brasil, 2004, p.16).

Nessa perspectiva, todas as temáticas abordadas e as metodologias escolhidas tiveram a finalidade de fomentar e contribuir para que a escola, as professoras, a própria comunidade (direta e/ou indiretamente) e, sobretudo as crianças quilombolas, pudessem perceber e compreender a diversidade presente no "chão" que ocupam, que é território quilombola.

A partir da compreensão de como tal diversidade de raça, gênero, social e geográfica se manifesta, considerando as relações estabelecidas com as crianças de outras localidades rurais, a escola poderá ser uma ferramenta

essencial de transformação neste território, contribuindo para a construção de identidades negras e quilombolas positivas desde a infância. Para Nunes,

As identidades quilombolas se constroem no encontro com inúmeras formas de pertencimento a um território cujas dimensões simbólicas resultam em vivências coletivas forjadas através de relações estreitas com um entorno que se traduz em sobrevivências, permanências, renovações e necessárias interrogações em relação, inclusive, a pretensas sedimentações de um modo de ser quilombola que historicamente é dinâmico. (Nunes, 2016, p. 116)

A partir das discussões, reflexões e ações descritas, acreditamos que os resultados pretendidos pelo projeto de extensão “Era uma vez no quilombo: contação de histórias, jogos e brincadeiras afrocentradas” na Comunidade Quilombola Curralinho dos Paulas foram alcançados na medida do desenvolvimento de suas ações.

Ao final das ações do segundo ano do projeto (2023) as professoras da escola, bem como a Pedagoga da Secretaria Municipal de Educação, reuniram-se com a coordenação do projeto com o objetivo de mantê-lo nos próximos anos. Um dos aspectos que contribuiu para tal pedido foi a percepção no desenvolvimento de interesse pela literatura nas crianças, especialmente no tocante aos livros, contos e histórias nunca vistas por elas antes e que despertaram a busca nas prateleiras da biblioteca por livros com temáticas semelhantes às trabalhadas com elas durante todo o segundo semestre.

Outra percepção interessante foi a capacidade das crianças em melhor distinguir as cores dos lápis de colorir para representarem seus diferentes tons de pele nos desenhos e, assim, de se reconhecerem como negras ou não. Esse movimento se configura em um pequeno passo para a construção de uma identidade negra, quilombola ou não, positiva, fugindo da ideia do lápis “cor de gente”.

Outro resultado, de importante relevância, é que a própria gestão da escola e as professoras iniciaram discussões sobre a necessidade da mudança do Projeto Político Pedagógico da escola, bem como a intenção de torná-la uma escola quilombola. Destaca-se que mesmo dentro do território a mesma não é classificada como uma escola quilombola para fins de Censo escolar ou

outros aspectos legais.

A partir de então, ocorreu um primeiro diálogo com as lideranças comunitárias sobre os procedimentos necessários para essa mudança. Tal interesse se deu a partir do reconhecimento da escola em relação ao desenvolvimento das crianças sobre as questões raciais, a melhora nas relações interpessoais, no respeito entre elas, e na busca por novos tipos de leituras. E ainda, da percepção de alguns moradores da comunidade, especialmente das mães, sobre o impacto do projeto em casa, onde as crianças chegavam contando as histórias e falando sobre os temas abordados.

Diante do exposto, acreditamos que os resultados do projeto foram ao encontro de alguns objetivos previstos nas DCN's para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, especialmente em seu art. 6º, que é:

Art. 6º III - assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico (Brasil, 2012, p. 4)

A partir de um programa institucional (Programa Institucional de Apoio à Extensão - PIAEX) do IF Sudeste MG, é importante destacar a participação dos(as) envolvidos(as) em eventos científicos e acadêmicos em âmbito local, regional e nacional, seja em sessões temáticas, rodas de conversas, palestras ou em mesas redondas.

Em de nível local, houve o XIII Simpósio de Pesquisa e Inovação e Semana de Integração (SIMPESQ) e o VII Encontro de Relações Raciais e Sociedade (ERAS). Inclusive, neste último, as próprias crianças da escola se deslocaram da zona rural até o *campus* para participarem de oficinas. Já em nível regional, o V Congresso Regional de Pesquisadores Negros(as) – COPENE-SUDESTE, ocorrido no Rio de Janeiro/RJ. E em âmbito nacional, o Encontro Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas e Grupos Correlatos da Rede Federal de Educação – VII ENNEABI, na cidade de São João del-Rei/MG. Todos estes eventos foram uma ótima oportunidade para conhecer outros trabalhos, temas e assuntos que envolvem os quilombos, infâncias, a contação de histórias e práticas antirracistas e de educação para as relações étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o projeto de extensão na Comunidade Quilombola Currealinho dos Paulas foi um “sucesso” (nas palavras das professoras) entre as crianças, professoras e na relação com as bolsistas, promovendo o respeito, a valorização das identidades negras e quilombolas e a valorização dos aspectos e das manifestações culturais, tanto de forma macro, quando de forma micro e local, por estarmos inseridos em uma comunidade quilombola.

Temos a ciência de que ainda há muito a ser problematizado e trabalhado sobre a temática racial e quilombola dentro dos espaços escolares, especialmente dentro dos próprios territórios. Todavia, consideramos que nossas ações despertaram nas crianças, se não toda a comunidade escolar, a capacidade de (re)construir sentidos e identidades a partir das leituras, contos, histórias e das próprias vivências ao longo do projeto.

Nesse aspecto percebemos a relevância e o alcance que as atividades extensionistas podem atingir. Uma vez que deixa de ser uma ação pontual e passa a impactar na vida das pessoas envolvidas, o que nos leva a concluir que o ensino e valorização da cultura africana, afro-brasileira e quilombola deve ser uma prática sucessiva para a construção das identidades destes atores, desde a infância.

A participação ativa das crianças, o envolvimento da comunidade e os resultados positivos reforçam a importância de iniciativas similares para fortalecer os vínculos institucionais com as comunidades locais, especialmente as rurais e quilombolas. Sem falar que o projeto também proporcionou uma experiência única e transformadora para as bolsistas envolvidas.

Percebemos que o desenvolvimento desse Projeto de Extensão contribuiu para despertar na equipe de profissionais da escola o interesse em conhecer melhor a comunidade quilombola em que estão inseridas, visto que as professoras não são quilombolas e nem da comunidade. Além disso, buscaram compreender o que seria a Educação Escolar Quilombola e como

implementá-la, modalidade esta que ainda está em processo de luta e resistência para a sua efetiva implementação na educação brasileira.

Por fim, a partir do que foi apresentado até aqui, percebemos a relevância desse trabalho nos campos epistêmico, político, social e educacional em que se insere, visto que nas comunidades remanescentes de quilombos, “o currículo escolar está longe da realidade desses meninos e meninas. Raramente os alunos quilombolas vêem sua história, sua cultura e as particularidades de sua vida nos programas de aula e nos materiais pedagógicos” (Brasil, 2009, p. 59). Assim, garantir a educação nestes territórios onde vive parcela significativa da população brasileira, respeitando sua história e suas práticas culturais, é pressuposto fundamental para uma educação antirracista (Brasil, 2009, p. 59).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Débora Cristina de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. **Educar em Revista**, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018a. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/BxCZKXwnP7YjztvMNj5CdGM/>>. Acesso em: 15/04/2024.

_____. Em busca de uma iniciativa histórica africana: Possibilidades e limites das práticas pedagógicas na educação básica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, p. 429-448, 2018b. Disponível em: <<https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3310/3045>>. Acesso em: 28/05/2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília, DF. MEC/SECADI, 2004. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf>. Acesso em: 23/04/2024.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC/SECAD; SEPPIR, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares&Itemid=30192>. Acesso em: 07/03/2024.

_____. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 07/04/2024.

CUNHA, Débora **Alfaia da Brincadeiras africanas para a educação.** Castanhal, PA: Edição do autor, 2016. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf>. Acesso em: 13/05/2024.

DIAS, Lucimar Rosa. Considerações para uma educação que promova a igualdade étnico-racial das crianças nas creches e pré-escolas. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 567-595, 2015. Disponível em: <<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1139/423>>. Acesso em: 25/04/2024.

DUARTE, Carolina Barcelos Duarte; NUNES, Georgina Helena Lima. Docência negra: educação infantil antirracista pela via da representatividade. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 16, n. 37, p. 198-217. 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/44802/pdf>>. Acesso em: 08/04/2024.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: Narrativas e Contranarrativas de Identidade Racial de Professores de Línguas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN**, v. 6, p. 236-263, 2014. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141/138>>. Acesso em: 03/05/2024.

GOMES, Nilma Lino. Uma dupla inseparável: Cabelo e a cor da pele. In: BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). **De preto a afro-descendente: trajetórias de pesquisas sobre relações étnico-raciais no Brasil.** São Carlos: UFSCar, 2003, p. 137-150.

_____. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 24/04/2024.

_____. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012. Disponível em: <http://www.apeosp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf>. Acesso em:

24/04/2024.

NUNES, Georgina Helena Lima. A construção social da infância nas políticas públicas, nos discursos científicos e nas práticas sociais. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 597-614. 2015. Disponível em:

<<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1152/424>>.

Acesso em: 19/03/2024.

_____. Educação Escolar Quilombola: processos de constituição e algumas experiências. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 8, n. 18, p. 107-131, 2016. Disponível em:

<<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/45/42>>. Acesso em: 19/03/2024.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. MUNANGA, Kabengele. (Org.). Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 21-37.